

RESENHAS

VIAGEM A LITERATURA

O livro publicado em 1983 não teve no Brasil a repercussão que merece. O espírito inventivo de Cremilda imaginou e realizou a viagem maravilhosa entre recifes e penhascos, entre ondas encapeladas e mar de azeite, entre borrascas e calmarias. Vencendo esses obstáculos todos realizou a viagem, entra em contato com o mundo pessoal de cada escritor na atualidade da Literatura Portuguesa. O livro tem algo de sonho, muita poesia, tudo isso impregnado de profunda realidade do dia-a-dia, da poeira e do barro dos caminhos e descaminhos da vida.

No livro perpassam os relatos de visitas, as entrevistas com os escritores e textos dos literatos. São poemas, são contos, são crônicas ou excertos de romances. Há o material informativo, há a pontualização dentro da História de Portugal e do mundo atual e a história de cada escritor, um pequeno esforço biográfico.

Nesse panorama está a sociedade em que vive o poeta, o romancista ou o cronista. Está também o microcosmo particular de cada um, a sua psicologia, vista através dos depoimentos, nas entrevistas.

A seleção dos textos foi motivada pelo ponto de vista da significação do escritor em seu momento sócio-político-cultural.

Quem quiser conhecer e viver a Literatura Portuguesa Contemporânea deve ingressar nessa VIAGEM e não se arrepende. Poderá rever amigos e conhecidos, será apresentado a outros beletristas que esperava conhecer, será surpreendido com novas faces da arte literária na bela expressão lusiada.

Pode haver alguns poetas ou escritores que por uma casualidade ficassem no olvido e não se apresentassem naquela volta do caminho para o encontro com a viajante dessas páginas...

Pode haver outros escritores menos lembrados ou semi-envolvidos na penumbra ou nos véus da ideologia.

Em todas as páginas, a crítica da jornalista Cremilda de Araújo Medina é clara, é amiga, é fiel à tradição e à força do gênio português que se multiplica e plenifica através das gerações de ontem, de hoje e de amanhã. Por isso a VIAGEM A LITERATURA PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA continua sendo a Viagem das rotas quinhentistas e de todos os tempos, para além da TAPROBANA...

MEDINA, Cremilda A. Viagem à literatura portuguesa contemporânea. Rio de Janeiro, Nórdica, 1983.

Ir. Elvo Clemente

DIALETOS

A Universidade de Caxias do Sul realizou uma façanha corajosa: a edição de *Dialetos italianos*, resultado de uma investigação lingüística mais corajosa ainda dos professores: Vitalina Frost e de Ciro Mioranza.

Na primeira leitura sobressaem o gênio e a força da mão feminina, quer pela paciente indagação, quer pela minuciosa inquirição ou pela meticulosa comparação dos elementos fonomorfo-sintáticos.

Dialetos italianos é um estudo exaustivo da situação da Região Colonial Italiana nos aspectos histórico, sociológico para chegar ao coroarmento com o estudo das diversificações dialetais. Decorridos mais de cem anos da vinda dos primeiros imigrantes, os dialetos das regiões do Vêneto, da Lombardia, do

Friuli-Venécia Júlia e do Trentino Alto Adige, ainda são falados nas comunidades rurais da região de colonização italiana no nordeste do Rio Grande do Sul.

Na Introdução está esclarecida a finalidade da ingente tarefa que alcança 525 páginas impressas: "O objetivo precípuo dessa pesquisa dialetológica foi o de registrar, no que ainda era possível, elementos lingüísticos de uma minoria étnica italiana inserida nesta área geográfica do Estado gaúcho, apontar características diferenciadoras dos grupos de dialetos ainda existentes, indicar inter-influências dialetais, enumerar e descrever algumas interferências recíprocas dos dois sistemas lingüísticos falados pelos informantes da amostra, portuguesa e dialeto italiano, e levantar alguns traços dos dialetos italianos na fala de língua portuguesa da RCI.

O trabalho de campo foi orientado, basicamente, pelos critérios da dialetologia tradicional".

O panorama lingüístico em sua unidade de coíné que se criou na mescla dialetal, e na sua diversificação pela procedência dos imigrantes além do choque com a Língua Portuguesa (idioma da Igreja, da Escola e do Estado principalmente depois de 1942), tornou-se sobremodo variado e interessante. Nesse entrelaçamento de sons e de léxicos e de aspectos morfológicos pode-se presenciar e estudar uma espécie de momento genésico de uma nova cultura e de uma nova língua.

Muito garimpavam os pesquisadores, abrindo veredas e picadas através da mata e das brenhas do cipó lingüístico: o entusiasmo e a fé não esmoreceram na constância de recuperar aquela palavra que os avós trouxeram da Península Itálica e que foi semeada exuberante e forte no meio de tantos suores e lágrimas. Hoje aquele sangue derramado frutifica em novos rumos numa civilização marcada por traços distintos dentro da brasilidade. O sotaque lingüístico é uma característica dessas novas gerações que vão abrindo novos caminhos para o progresso, para a redenção do homem que tem a Luz de Cristo em suas vidas.

FROSI, Vitalina & MIORANZA, Ciro. *Dialetos Italianos*. Caxias do Sul, EDUCS, 1983.

Dr. Elvo Clemente

MISCELÂNEA DE LÍNGUA E LITERATURA

Em 1982 a Universidade de Coimbra publicava em sua prestigiosa coleção — Acta Universitatis Conimbricensis — a coletânea de artigos do mestre M. Rodrigues Lapa. São artigos já publicados em revistas do Brasil ou de Portugal, artigos mais profundos e mais longos e artigos mais breves e mais ligeiros.

Entre os mais substanciais podemos enunciar: o problema das origens líricas e das origens da poesia lírica medieval portuguesa (com larga documentação e citações objetivas). Muito interessantes são os textos sobre a verificação medieval e o paralelo na poesia popular.

Volta a discutir as origens e o sentido da cantiga de garvaia.

São dignas de apreciação e de melhor estudo as páginas sobre a Demanda do Santo Graal em que traz o depoimento valioso do grande filólogo brasileiro — Augusto Magne.

Artigos mais leves e não menos importantes tratam de Froissart e Fernão Lopes, um problema etimológico: "bravo" e outros no mesmo estilo.

Em todos esses estudos M. Rodrigues Lapa mostra-se o mestre, o filólogo e o crítico arguto com a sua rara sensibilidade de cientista lusitano.

LAPA, M. Rodrigues. *Miscelânea de língua e literatura portuguesa medieval*. Coimbra, Univ. de Coimbra, 1982.

Dr. Elvo Clemente

LÓGICA, SEMÂNTICA E CONHECIMENTO

O autor apresenta a sua tese de doutoramento na Universidade de Coimbra na cátedra de Filosofia, e o livro é de certa forma a reprodução quase integral dessa tese. As discussões são profundas e perpassam os pensadores peninsulares dos séc. XII-XIII.

O livro divide-se em nove extensos capítulos com os títulos: O conceito geral de "significação" (séc. XII-XIII) e (séc. XIV-XVI): a significação da cópula verbal; a lógica e a gramática. São temas ainda muito discutidos nas modernas correntes da Lingüística.

O bom embasamento filosófico do autor facilita a discussão das várias proposições, tudo se esclarece e segue a corrente normal do pensamento e da escrita nessa bela tese. Seria de todo desejável de que os professores de Lingüística e em especial de Semântica lessem com seriedade o presente tratado, em suas 390 páginas.

COXITO, Amândio. *Lógica, semântica e conhecimento na escolástica peninsular*. Coimbra, Editora da Univ. de Coimbra, 1981.

Dr. Elvo Clemente

LINGÜÍSTICA DE TEXTO

A bibliografia teórica sobre Lingüística de Texto (LT), um dos mais recentes ramos da pesquisa lingüística, amplia-se cada vez mais. Todavia, os leitores dessa especialidade ressentem-se da falta de modelos práticos de análise textual fundamentada na LT, principalmente para fins didáticos. Nesse sentido a *Lingüística de texto: o que é e como se faz*, de Luiz António Marcuschi, constitui um indispensável material de consulta, inclusive com vasta indicação bibliográfica, e uma sugestão viável de estudo do texto enquanto veículo da comunicação e suporte para o ensino de línguas.

A proposta do autor é oferecer uma "análise sistemática" do que é e como se faz LT. Para tanto, concentra-se em três tópicos principais: análise de algumas definições de texto; definição provisória da LT e seus focos de atenção e análise de alguns aspectos teóricos em função de sua aplicabilidade.

O primeiro tópico é desenvolvido em duas partes que representam as posições adotadas pelos lingüistas na consideração do texto como imaneente ou transcendente ao sistema lingüístico. Na primeira são apresentadas e devidamente criticadas, por conterem "super-simplificações imperdoáveis", as definições de Harris, Harweg, Bellert, e Weinrich. Na segunda, temos as definições de Petöfi, van Dijk, Schmidt e Halliday e Hasan, que vêem o texto como "uma unidade comunicativa e não como uma simples unidade lingüística."

Apoiado em Beaugrande/Dressler, diz Marcuschi que o texto "é o resultado atual das operações que controlam e regulam as unidades morfológicas, as sentenças e os sentidos durante o emprego do sistema lingüístico numa ocorrência comunicativa (p. 11)". Em suma, "trata-se de uma unidade comunicativa atual realizada tanto ao nível do uso como no nível do sistema (p. 11)". E propõe uma definição geral e provisória para LT como "o estudo das operações lingüísticas e cognitivas reguladoras e controladoras da produção, construção, funcionamento e recepção de textos escritos ou orais."

O ponto culminante do trabalho de Marcuschi é o seu esquema geral provisório das categorias textuais, sem dúvida uma valiosa contribuição para todos os interessados em aplicar LT na sala de aula. E de lamentar, contudo, que o autor tenha se proposto a abordar, apenas e tão-somente, alguns aspectos do referido esquema, e em muitos casos de forma bem superficial.

Tendo-se em conta o papel incisivo que para o autor a LT desempenha não só no ensino de línguas, como também na elaboração de manuais para o estudo de texto, resta esperar para breve a continuidade deste trabalho, resultado inegável do esforço criativo de alguém que conhece LT.

MARCUSCHI, Luis Antonio: *Linguística de texto: o que é e como se faz*. UFPE (Mestrado em Letras e Linguística), 1983.

Marta Kirst

ORPHEU, 63 ANOS DEPOIS

Em junho de 1915 saíra a Revista ORPHEU nº 2 onde trabalhara Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, só simbolicamente Luis Montalvor e Ronald de Carvalho.

O nº 3 não preocupava Mário de Sá-Carneiro que fôra precipitadamente a Paris, talvez para fugir dos credores, os tipógrafos.

Sá-Carneiro insistia nostálgico incurável: "que lindo Orpheu 3 podíamos fazer! que desgraça tudo isto!" Orpheu era closamente seu como de Fernando Pessoa.

A composição ficara guardada e não publicada.

Em 1983 o grupo de Edições Nova Renascença conseguiu os originais e decidiu publicar a revista fac-similar. A introdução coube com todo o direito ao dr. José Augusto Seabra. É grande conquista para as letras lusitanas a reconquista de toda a matéria da Revista que estava literariamente museificada. Ai temos belas colaborações do grupo de ORPHEU: Poemas de Paris de Mário de Sá-Carneiro; Apox o Rapto, composição de Albino de Menezes; Gládio e Além-Deus poemas de Fernando Sabino. Por esse crepúsculo a morte de um fauno... de Augusto Ferreira Gomes; A Cena do Ódio de José Almada Negreiros poeta sensacionalista (futurista) e Narciso do Egypto: Olhos por D. Thomas de Almeida; Para além doutro oceano notas de C. Pacheco; Névoa composição de Castello de Moraes. Com essa bela iniciativa de Nova Renascença se recupera uma parte da Literatura Portuguesa naquele primeiro quartel do século do século, que ficaria irremediavelmente perdida ou circunscrita à leitura ou consulta de parte mínima de leitores.

O QUARTO FECHADO

O romance de Lya Luft, antes diria novela, sob o título significativo — **O quarto fechado** — é uma leitura que prende, que motiva e questiona; ludibria e cansa. Ao presenciar aquele quadro, a sala transformada em velório do jovem morto aos 18 anos, do começo ao fim das 133 páginas, é realmente cansativo e nauseante. Em todo o ambiente paira aquela atmosfera de morte dominada pelo indizível, calculada pelo imponderável.

O estilo atral e seduz pelo cuidado da escrita, pela inflexão de voz; as palavras soam trêmulas, abafadas. O domínio do mais-que-perfeito traduz a soberania de um passado remoto que está presente desde a soleira da porta até os meandros da casa e nos interstícios d' **O quarto fechado**. O tempo verbal remete a um mundo de outrora, passado longínquo que se afasta ainda mais do presente, dolorosa realidade. Questionantemente repete dezenas de vezes a forma verbal "fora" remetendo para a ambigüidade do advérbio "fora". O jogo esti-

lístico acontece no artifício de emprego dos tempos verbais: perfeito, mais-que-perfeito, imperfeito e o presente do modo indicativo.

A cena do palco é a presença constante da primeira à última linha do texto.

Toda a história se desenvolve através de monólogos quase sempre no mais-que-perfeito. Os dois personagens monologantes, Martin e Renata, estão no palco do velório, separados pelo esquife do filho, barco em demanda dos lagos da eternidade, de ilha desconhecida... Não há diálogo, não há abraços, só monólogo ou fluxo de consciência.

A estrutura do enredo se trama pelo misterioso narrador através dos monólogos das figuras do cenário.

As cenas são, na maior parte, tristes e sombrias, no interior da casa de portas e janelas fechadas, culminando na morta-viva de **O quarto fechado**. Nesse mundo de sombras se movem seres humanos com atitudes antes de irracionais...

As cenas ao ar livre, em pleno campo, ou em paisagem amena são sempre trágicas: é a queda do muro em que Ella se imobiliza pela vida a fora, é o sexto aniversário dos gêmeos em que surge a ruptura de Camilo com Martin e é, por fim, a tarde trágica na fazenda em que se perpetra o suicídio do Jovem... Aquela tentativa de acenar para fora, de surgir um mundo aberto e amplo fica simplesmente no "fora"...

A temática dominante desde o abrir até o fechar das páginas é a MORTE, soberana, dominadora, incoerente e intransigente.

Os personagens não têm identidade, os nomes quando os há são truncados: Martin, Renata, Clara, Camilo, Carolina... Sobre todos paira a figura de Mãe, sem nome e genitora de ninguém, que domina a todos. Os personagens, energúmenos movidos por um determinismo feroz e tirânico, não podem ver nada além das paredes da casa, pois lá fora o nevoeiro espesso envolve tudo, impede que se vejam as pessoas. A enclausurada Ella nome estranho e ambíguo, significa uma pessoa ou um gênero? Significa uma ânsia de amor que rompeu a coluna vertebral e se formou um amontoado disforme e perturbador.

O amor se contrapõe ou coadjuva a morte — thanatos. Já entre os gregos na tragédia se conjugavam as forças de eros e de thanatos, vencendo este em detrimento daquele. Nesta tragédia histórica vence a morte apesar das tentativas do amor sobressair.

O amor apresenta, nesta novela, a face do instinto quase animal. As expressões referentes ao ato de amar assumem comparações com animais, com bichos... É estranha essa animalidade, na expressão mais elevada do ser humano. Haja vista uma passagem à página 123: "Negar o amor era negar a vida: toda negação do amor gera morte, não importa que amor, não importa que proibição."

E a vida nisso tudo assim é definida: "A vida serpente voltando para dentro de si mesma, começo e fim, masculino e feminino, prazer e destruição" (p. 125) Acima de tudo, porém, paira a grande força. Assim se exprime: "Tudo é mentira, exceto a Morte. As águas da verdade, contra as quais não adianta nenhum ardil, a Morte com mil bocas chupando na lama do fundo, irresistível (p. 125/6). E além do mais "o exercício da vida era desligar para a boca escancarada da Morte" (p. 127).

A temática da morte oñ leva para a Vida, a Vida leva para o transcendente que aparece numa pergunta: "Deus era a Ilha ou era o mar eterno?"...

O quarto fechado mantém sempre o enigma, o mistério, o indefinido, uma vida sem sentido...

Nessa história profundamente humana e desoladora todas as grandes aspirações do coração estão trancadas: o amor, a arte, a vida. Tudo trancado. Tudo abafado. Tudo fechado, porque joga com o non-sens. É um estranho existencialismo, temporário e seródio, sem flores e sem frutos onde a existência é a Morte, onde a música soa ao longe, fora do alcance e fora do amor.

É tempo de abrir O quarto fechado para que penetre pelas portas e janelas a luz, o ar e a renovação de Vida e a ressurreição desse mundo de miasmas, de mofo e desolação... E a vida e a natureza tenham mais sentido, mais amor...

LUFT, Lya. *O quarto fechado*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.

Ir. Elvo Clemente

INICIAÇÃO À FILOLOGIA GERMÂNICA

Era o livro que estávamos precisando para uma visão completa da Filologia Germânica. Heinrich A. W. Bunse estudioso incorrigível gastou horas e dias no trabalho de investigação lingüística e de comparação de textos arcaicos e modernos.

Heinrich A. W. Bunse é professor titular no Departamento de Lingüística e Filologia do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; é doutor em Letras Clássicas pela PUCRS; foi professor visitante, em 1965, na Universidade de Bonn/Alemanha, e lecionou, de 1968 a 1971, na Universidade de Viena/Austria.

Sua bagagem científica conta com quase setenta publicações no campo da Filologia Clássica, Românica e Germânica, que lhe valeram vários prêmios.

Iniciação à filologia germânica nasceu do contato com os estudantes nas aulas; portanto, da prática do ensino.

Filologia é o estudo e o conhecimento da língua enquanto instrumento ou meio de expressão da cultura de um povo, fixada em seus documentos literários, sendo a língua para o filólogo apenas o instrumento para compreender e interpretar os documentos que encerram dados de civilização e cultura. É uma ciência histórica. Eis a diferença entre o trabalho do filólogo e o do lingüista que estuda a língua em si mesma e por si mesma, sendo a língua a finalidade de seu estudo.

Nem no Brasil nem alhures existe um livro nos moldes de *Iniciação à filologia germânica*, contendo capítulos sobre línguas e literaturas quase desconhecidas entre nós, como o africano e o tédiche. Após uma parte introdutória em que são estudados o conceito de Filologia, a unidade lingüística indo-européia, a unidade germânica, as relações de germanos e romanos e as grandes migrações dos povos germânicos, segue a parte referente às línguas germânicas propriamente ditas, sendo cada língua enquadrada no seu contexto histórico e dando-se, ao mesmo tempo, uma visão tipológica de seu estado atual. A parte final trata das fases iniciais das literaturas inglesa, alemã e nórdica.

É um livro dedicado aos estudantes de Letras, em especial do Inglês e do Alemão, as únicas línguas que atualmente figuram nos currículos das Faculda-

des e Institutos de Letras, embora as outras línguas germânicas mereçam não menos atenção.

Deverá, certamente, interessar também a um círculo mais vasto de leitores, interessados em aumentar seus conhecimentos sobre as línguas e literaturas germânicas.

Como livro nascido da prática das aulas, necessariamente há de ser muito conciso, mas oferece ao professor da disciplina vasto campo para fazer digressões e ampliações. Foram deixados fora, de propósito, notas ao pé da página, tão ao gosto dos nossos autores. Na bibliografia anexa encontram-se as principais obras a serem consultadas, às quais, porém, o nosso estudante dificilmente terá acesso.

BUNSE, Heinrich. *Iniciação à filologia germânica*. Porto Alegre, UFRGS, 1983.

Ir. Elvo Clemente

FATOS DA LINGUA PORTUGUESA

Em boa hora a atividade editorial de Presença Edições conseguiu o número para a 3ª edição fac-similar, reproduzida da 1ª edição, de 1916, de *Fatos da língua portuguesa*, de Mário Barreto.

O autor dedicou sua existência ao estudo, à investigação e ao ensino da Língua Portuguesa de 1879 a 1931. Produziu as seguintes obras: *Novos estudos* 1911; *Novíssimos estudos*, 1914; *Fatos da língua portuguesa*, 1916; *De gramática e de linguagem*, 1923; *Através do dicionário e da gramática*, 1927; e *Últimos estudos*, 1944 (póstumo).

Evanildo Bechara assim se expressa sobre os livros de Mário Barreto:

"Quem se detiver na leitura atenta da obra de Mário Barreto logo perceberá uma ascensão de doutrina e um alargamento do seu campo de pesquisa. Escrevendo antes do advento da Lingüística Estrutural, Mário Barreto insere-se na orientação neogramática que dominou a sua geração e rendeu culto ao prestígio da língua escrita literária, mormente lusitana ou de inspiração lusitanizante".

Seguia a linha de estudos sintáticos de Epifânio Dias e Júlio Moreira, isto é, coletava os fatos lingüísticos e os expunha descritivamente quase sempre sem se preocupar em buscar as raízes desses fenômenos numa tentativa de explicação, como se observa na obra de M. Said Ali. Para Mário Barreto, a explicação contentava-se com a ligação comparativa ao latim ou às demais línguas românicas e, às vezes, até fora do mundo romântico.

BARRETO Mário. *Fatos da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, INL, fundação Casa Rui Barbosa, s. d.

Ir. Elvo Clemente